

A SIMBOLOGIA E OS ENIGMAS DO LABIRINTO

Luís Filipe Marques Pinto

RESUMO

Devido à sua incompletude e imperfeição, é provável que o Homem, desde sempre, se tenha sentido atraído pelo desafio de se ‘perder’, para ter a oportunidade de se ‘encontrar de novo’, de forma mais plena e duradoura. Estamos convencidos de que não existe nenhum artefacto mais eficaz para cumprir esse fim do que o labirinto. Com efeito, os labirintos exercem sobre nós um fascínio inexplicável que persiste ao longo da vida e se manifesta na vontade inconsciente de nos auto-desafiarmos e que nos impulsiona a percorrê-los.

O tipo de labirinto que nos interessa especialmente e que será objeto de estudo no âmbito deste trabalho corresponde a uma estrutura de complexidade e extensão variáveis, mas que é constituída por um único percurso que liga o exterior ao centro, onde deverá ter lugar uma paragem mais ou menos breve. O tipo de labirinto em foco não nos conduz a becos sem saída precisamente porque é constituído por um único percurso, que liga o exterior ao seu centro – percurso que deverá ser percorrido nos dois sentidos.

Os labirintos podem ser construídos com as técnicas e os materiais mais diversos e assumir formas e dimensões muito díspares. Os labirintos exteriores executados com arbustos aparados são, na nossa opinião, os mais belos, mas exigem uma manutenção intensa e permanente. Os labirintos interiores que mais nos fascina são os que se encontram no interior das catedrais.

O universo do labirinto é vastíssimo. Devido à abrangência do tema, prescindimos de o dissecar nas suas múltiplas vertentes, optando por nos centrar na simbologia do labirinto e fixando como objetivo principal fazer desabrochar o interesse do leitor para esse mundo deslumbrante.

PALAVRAS-CHAVE

Labirinto, Dédalo, Simbologia.

Abstract

Because of its incompleteness and imperfection, it is probable that man has always been attracted by the challenge of ‘losing’ himself, to have the opportunity to ‘meet himself again’, more fully and lastingly. We are convinced that there is no better artifact to fulfill this purpose than the labyrinth. In fact, labyrinths have over us an inexplicable fascination. This fascination persists throughout life, manifests itself in the unconscious desire of challenging ourselves and impels us to walk inside them.

The kind of labyrinth that interests us and that will be our object of study, in spite of its mutable complexity and extent structure, consists of a single path which connects

the outside to the center, where there should take place a long or short stop. The type of labyrinth in focus has no dead ends, precisely because it is composed by a single path which connects the exterior to its center – path that should be covered in both directions.

Labyrinths can be built with different techniques and different materials and can have very different forms and dimensions. The outdoor labyrinths executed with lopped bushes are, in our opinion, the most beautiful, but require intensive and constant maintenance. The interior labyrinths that most fascinate us are those which we can find inside the cathedrals.

The universe of labyrinth is immense. Due to the large scope of the theme, we decided not to dissect the labyrinth in detail, choosing instead to focus on its symbology and setting as main objective the awakening of the reader's interest for this amazing world.

KEYWORDS

Labyrinth, Maze, Symbology.

INTRODUÇÃO

Os labirintos exercem sobre nós um fascínio irracional que subsiste ao longo da vida e se traduz na vontade inconsciente de nos auto-desafiarmos – o que nos impulsiona a percorrê-los... É normal que, desde a infância, nos sintamos atraídos pela exploração de labirintos, não se confinando essa exploração ao corpo – envolvendo também uma dimensão intelectual ou espiritual. Devido à sua condição, é provável que o Homem, desde sempre, se tenha sentido atraído pelo desafio de se 'perder', para ter a oportunidade de se 'encontrar de novo', de forma mais plena. Acreditamos firmemente que não existe nenhum artefacto mais eficaz para cumprir esse desígnio do que o labirinto.

Existem labirintos disseminados por todo o Mundo, construídos em todas as épocas, com as formas, dimensões e técnicas mais diversas. Um dos labirintos mais antigos e provavelmente o mais emblemático é o lendário labirinto de Knossos, na ilha de Creta¹.

A literatura serve-se, recorrentemente, da metáfora do labirinto e o cinema parece ter-se rendido à sua simbologia².

Se consultarmos um dicionário, ficaremos a saber que o vocábulo *labirinto* é utilizado com propriedade para designar uma estrutura complexa e intrincada de

¹ Segundo a mitologia grega, o labirinto de Creta foi construído pelo arquiteto Dédalo, ao serviço do rei Minos, para aprisionar o Minotauro – personagem fabuloso, com corpo humano e cabeça de touro. Há quem avance a hipótese de o mito do labirinto ter origem na arquitetura do Palácio de Knossos, que pode ser considerada *labiríntica*, devido à sua elevada complexidade.

² Para sustentar o nosso ponto de vista, talvez baste referir três filmes emblemáticos, onde o labirinto é um elemento central – *El Laberinto del Fauno* (2006), de Guillermo del Toro; *The Shining* (1980), de Stanley Kubrick; e *Sleuth* (1972), de James Berardinelli.

percursos que se entrecruzam de tal forma que se torna difícil deslindar a saída. Frequentemente, emprega-se o adjetivo *labirintico* em sentido figurado para designar uma coisa enredada, emaranhada, intrincada. No entanto, o tipo de labirinto que nos interessa particularmente e que será objeto de estudo no âmbito deste trabalho corresponde a uma estrutura de complexidade e extensão variáveis, mas que é constituída por um único percurso que liga o exterior ao centro e que, depois de uma paragem mais ou menos breve, deverá ser trilhado em sentido inverso, do centro em direção ao exterior. O tipo de labirinto que atrai a nossa atenção não nos conduz a becos sem saída porque é constituído por um único percurso, que liga o exterior ao seu centro – percurso que deve ser percorrido nos dois sentidos: exterior↔interior. O *labirinto* que é objeto de estudo neste artigo, embora seja sinuoso e possa ser complexo – devido ao número elevado de faixas e de curvas e contracurvas – não contém bolsas ou becos.

O *labirinto* com um percurso unidirecional promove a pacificação mental, porque, ao percorrê-lo, abandonamo-nos à certeza de caminharmos para o centro, e esse afrouxamento da atividade cerebral induz o estado de relaxamento físico³ e de pacificação mental. Por outro lado, se percorrermos um *labirinto* multicursal, com becos sem saída, temos de nos manter mentalmente ativos, evitando os impasses dos atalhos já percorridos, com o objetivo de encontrar a via que nos conduz ao exterior. Cremos que, na língua portuguesa, os vocábulos *labirinto* e *dédalo* são sinónimos (embora o primeiro termo seja usado mais frequentemente). No entanto, os labirintos unicursais (com um único percurso) e os labirintos multicursais (com múltiplos percursos) cumprem funções claramente distintas. Os primeiros são relaxantes e favorecem a meditação, enquanto que os segundos exigem uma mente ativa e racional, com o objetivo de perscrutarmos a saída. Os labirintos unicursais são simbólicos – embora o seu significado possa variar de indivíduo para indivíduo – enquanto que os labirintos multicursais são usados para divertimento e para experiências científicas, funcionando como instrumentos de avaliação da perceção espacial e do nível de inteligência. À imagem do que sucede com a língua inglesa relativamente aos vocábulos *labyrinth* e *maze*⁴, na nossa opinião, deveríamos de reservar o vocábulo **labirinto** para designar os percursos sinuosos unicursais, em que a entrada coincide com a saída, e utilizar o vocábulo **dédalo** para nomear os percursos multicursais, em que a entrada e a saída são distintas⁵ (Fig. 1).

³ O stress gera tensões musculares que são prejudiciais à saúde humana. O relaxamento pode funcionar como uma ferramenta importante na manutenção da saúde e na prevenção de patologias como a hipertensão e as doenças cardiovasculares. A nível psicológico, o relaxamento também desempenha um papel relevante, contribuindo para prevenir a depressão e melhorar o humor e a memória.

⁴ Após uma breve pesquisa que fizemos, concluímos que a distinção semântica, em língua inglesa, entre os vocábulos *labyrinth* e *maze* é relativamente recente e terá ocorrido, pensamos nós, na sequência do aparecimento de especialistas e teóricos em labirintos. Atualmente, nos países anglo-saxónicos, é mais ou menos consensual que: *A labyrinth has a single through-route with twists and turns but without branches. A maze is a confusing pathway that has many branches, choices of path and dead-ends. [...] Some labyrinths have a spiritual significance. They signify the complex and long path to reach God. Mazes are used in science experiments to study spatial awareness and (sometimes) intelligence.* Nikhilesh Jasuja et al. Labyrinth vs Maze. http://www.diffen.com/difference/Labyrinth_vs_Maze (15 jul. 2016).

⁵ É natural que os especialistas em língua portuguesa não se sintam particularmente atraídos pelo tema do labirinto – embora, como já referimos, tenhamos a impressão de que a respetiva metáfora é frequentemente usada em literatura e em poesia. Competirá, por isso, aos especialistas e teóricos nesse tema começarem a fazer essa discriminação, devido à maior objetividade e rigor científico que os seus textos poderão veicular. Parece-nos que, por razões

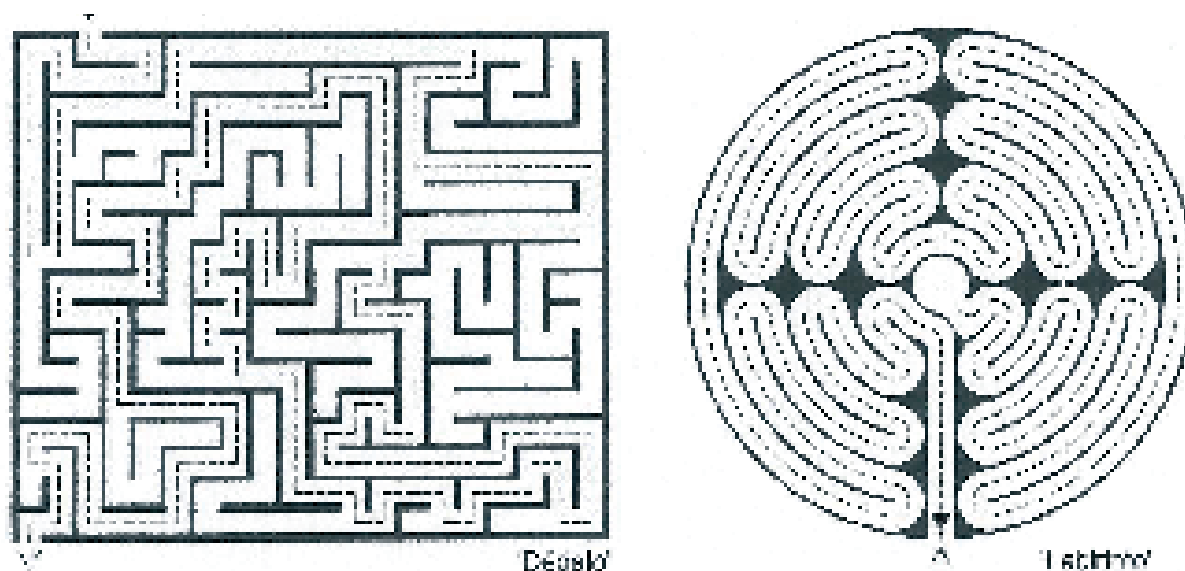


Figura 1. Labirinto multicursal, à esquerda, e labirinto unicursal, à direita. Estes dois tipos de labirintos têm diferentes características e desempenham diferentes funções. O primeiro é usado para divertimento e para experiências científicas, enquanto que o segundo é usado como instrumento de pacificação mental e de integração cósmica.

Usualmente, o dédalo é obtido a partir de uma quadrícula e o labirinto é obtido a partir de uma série de circunferências concêntricas – embora também existam labirintos de matriz quadrada e de matriz octogonal. Nem todos os circuitos são necessariamente percorridos no caso do dédalo, mas no labirinto tradicional o percurso é integralmente percorrido duas vezes – a partir da entrada, em direção ao centro, e a partir do centro, em direção à saída. Nos dédalos, embora um seja o mais curto, podem existir vários percursos alternativos que nos conduzem da entrada até à saída. No labirinto, isso não acontece. Nos labirintos, a entrada coincide com a saída, mas, nos dédalos, as entradas e as saídas podem ser múltiplas. Tanto os labirintos como os dédalos podem ser belos, com uma geometria de base mais ou menos fabulosa, mas, à partida – não obstante a aparente complexidade o contradiga – afigura-se-nos mais difícil conceber um labirinto do que um dédalo.

Atualmente, os labirintos podem ser construídos com os materiais mais diversos e assumir formas e dimensões muito díspares – podem ser executados com matéria vegetal (arbustos aparados ou relva), podem ser delineados com pedras ou com mosaicos encastrados no pavimento, podem ser impressos em telas que são dobradas para serem transportadas e que se estendem sobre uma superfície plana quando são utilizadas, podem até ser executados em miniatura que se destinam a serem “percorridos” com o indicador do praticante, etc.

O universo do labirinto é vastíssimo. Temos consciência de que por mais exaustivo que seja este texto, aflorará apenas uma pequeníssima parte desse universo. Devido à abrangência do tema, o principal objetivo deste artigo é mais o de despertar o

históricas, o termo dédalo é aquele que melhor se adequa ao labirinto multicursal, em homenagem ao arquiteto (Dédalo) que, mitologicamente, concebeu o labirinto da ilha de Creta para aprisionar o Minotauro, que terá sido matado pelo herói ateniense Teseu, tendo este desnovelado um fio de lã para encontrar o caminho de regresso...

interesse nos leitores pelo mundo fascinante do labirinto do que propriamente o de dissecar o tema – para isso seria mais indicado um livro.

1. SIMBOLISMO E USOS TRADICIONAIS DO LABIRINTO

As circunvoluções do percurso do labirinto sobre si mesmo simbolizam tudo o que ondeia, que sobe e desce, a alternância do dia e da noite, as marés, o vento, o calor e o frio. Todos os fenómenos naturais desenrolam-se na dimensão espaço-tempo e a espiral que se (des)enrola no labirinto representa o tempo que escoia.

In archaic art, the labyrinth – home of the child-consuming Minotaur – was represented in the figure of the spiral. (Joseph Campbell, in McLuhan, 1995: 32).

O labirinto é um artefacto ininterruptamente utilizado pelo homem desde a pré-história. Pensamos que combinando a imagética do círculo e da espiral num percurso sinuoso – embora unidirecional – o labirinto constitui um arquétipo do Universo e pode ser utilizado para unir o indivíduo ao cosmos. O ato de percorrer o labirinto, quando caminhamos em direção ao centro e quando caminhamos em direção ao exterior, pode simbolizar, respetivamente, a incursão no nosso próprio ‘centro’ e o regresso ao mundo que nos cerca. O labirinto também pode ser encarado como uma metáfora da nossa vida. Cada curva e contracurva pode representar uma viragem, um marco importante da nossa vida, mais ou menos tortuosa. O centro do labirinto pode representar um período sereno das nossas vidas, uma ascensão do nosso nível de consciência ou a própria morte...

A origem do labirinto está envolta em mistério, mas a sua imagem chega até nós gravada nos mais variados suportes: moedas, cerâmica, pedra⁶, etc. Desde há muito tempo que o labirinto é, muito provavelmente, usado como ferramenta de relaxamento, de meditação ou de oração – dependendo das circunstâncias, das convicções e dos objetivos de quem o percorre. Em nosso entender, um dos aspetos mais fascinantes do labirinto é precisamente a sua polivalência, tanto simbólica como funcional. Cada um de nós pode usá-lo à sua maneira e adaptá-lo às suas necessidades e capacidades de momento, retirando o máximo partido da experiência de o percorrer fisicamente ou apenas com o olhar.

O símbolo do labirinto impregna, com diferentes matizes, variadíssimas culturas, de diferentes épocas e regiões, como o Peru, a Islândia, Creta, o Egito, a Índia, Sumatra e o Arizona. (Jeff Sward, in Lonegren, 2007: 1). O labirinto e a sua simbologia nunca deixaram de ser explorados ao longo do tempo, mas, nas últimas décadas, devido às atuais técnicas construtivas e aos meios de comunicação, têm sido alvo de uma evolução acelerada, tendo-se tornado um elemento reavivado e funcional que se infiltra gradualmente em certas comunidades, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos da América.

⁶ Algumas gravações em pedra, com cerca de 4000 anos, incluíam o tema do labirinto. Por exemplo, os *Petróglifos de Mogor* – conhecidos popularmente por *Labirintos de Mogor* – são uma estação rupestre situada na paróquia de Mogor, província de Pontevedra, constituída por três conjuntos com dezenas de labirintos gravados na rocha, que alguns investigadores interpretam como calendários pré-históricos.

Uma única empresa norte americana executou mais de 5000 labirintos nas duas últimas décadas, com as mais variadas finalidades, materiais e dimensões e segundo 46 desenhos diferentes. Mais concretamente, a *Labyrinth Company* executou labirintos para fins espirituais, convalescença e recuperação física, melhoria da capacidade de concentração e diversão, respetivamente, em igrejas, conventos e locais de retiro, centros médicos e asilos, escolas, empresas e propriedades particulares. Os labirintos executados por esta empresa foram construídos nos materiais mais diversos, como lona ou carpete (labirintos portáteis), cortiça, madeira, mosaicos cerâmicos, ladrilhos vinílicos, pedra, betão, relva, plantações variadas⁷, etc.

The natural and dynamic formations of the cosmos embody many forms but none, perhaps, is more universal than the spiral and its relative, the labyrinth. They embody a symbolic shape of human experience (McLuhan, 1995: 33-35).

Devido ao seu potencial de ressonância cósmica⁸, o labirinto deve de ser criteriosamente integrado no ambiente construído ou no meio natural onde será inserido e deve ser meticulosamente executado – criando-se assim as condições básicas para o seu adequado funcionamento como instrumento desencadeador do estado de união e harmonização com o cosmos.

2. O LABIRINTO NAS CATEDRAIS

Com o Cristianismo, a dimensão simbólica do labirinto foi sendo ajustada aos dogmas da religião. Este ajustamento traduziu-se, por um lado, no estreitamento da sua dimensão simbólica, mas, por outro, na maior difusão do respetivo símbolo. O primeiro labirinto cristão de que há registo foi o instalado na Basílica de São Reparato, hoje em ruínas, em El-Asnam – atual Chlef, Argélia – inaugurada no ano de 324. Este labirinto corresponde a um mosaico e as suas dimensões relativamente reduzidas (2,4x3m) atestam que o labirinto não foi concebido para ser percorrido a pé, mas sim com o olhar. Trata-se de um labirinto relativamente complexo, constituído por quatro quadrantes e um centro, em que as faixas que conduzem ao interior de cada quadrante são intercaladas com as faixas que conduzem ao exterior (Fig. 2). Estamos perante um labirinto com uma escala intermédia entre as miniaturas – que eram tradicionalmente gravadas em rochas e que se produzem hoje em dia para serem percorridas com um dedo – e um labirinto à escala do corpo humano, que se destina a ser percorrido a pé. O centro do labirinto é constituído por 169 (13x13) pedras, cada uma com uma letra inscrita. Depois de ter

⁷ *Labyrinth Company* (<https://www.labyrinthcompany.com/>)

⁸ Como já afirmámos, a espiral e o círculo são as figuras geométricas que estão na base do labirinto. A espiral simboliza o processo de crescimento e de evolução das formas da natureza. A espiral é uma forma recorrente no reino vegetal, estando presente, por exemplo, na forma como se distribuem os estames da flor do girassol. A própria Terra ter-se-á formado a partir do movimento em espiral de uma nuvem de gás e de pó cósmico. Esse movimento rege a rotação das estrelas e das galáxias. A forma helicoidal está presente na dupla hélice do ADN (ácido desoxirribonucleico) que encerra a herança genética de todos os seres vivos. O círculo, por sua vez, ao carecer de princípio e de fim, simboliza a perfeição, a infinitude e o cosmos. Em algumas culturas, considera-se que o ritual de caminhar em torno de um objeto sagrado, santifica o espaço que o referido movimento circular encerra e isto porque, ao tornear o objeto sagrado, o praticante simula os ciclos solares e astrais, rendendo homenagem ao que está no centro. Um exemplo paradigmático deste tipo de cerimónia é praticado no mundo islâmico, em Meca (Arábia Saudita), quando os crentes, numa peregrinação anual, dão voltas sucessivas ao cubo sagrado – *Kaaba*. É por esta razão que o labirinto tem um núcleo ou centro, que cada praticante fará corresponder simbolicamente àquilo que lhe aprouver.

percorrido o labirinto com o olhar, o desafio que era colocado ao fiel era o de formar com as letras disponíveis a expressão **“SANCTA ECLESIA”**. Iniciando a leitura a partir da letra **“S”**, que ocupa a posição central, e percorrendo o mosaico, da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, de cima para baixo, de baixo para cima, e infletindo em cada mosaico, é possível ler a mensagem centenas de vezes (Fig. 3). Trata-se de uma leitura ‘labiríntica’ que constitui o culminar da experiência. A mensagem é enfaticamente repetida, num eco visual de si mesma – o que talvez se deva ao facto de, na época, o Cristianismo ainda se encontrar em processo de afirmação como grande religião monoteísta. Talvez a mensagem subliminar deste mosaico seja aproximadamente a seguinte: *a vida é uma jornada árdua, cheia de zig zagues, de curvas e de contracurvas; embora, por vezes, os crentes se possam sentir perdidos ao longo do trajeto das suas vidas, os valores proclamados pela Igreja devem guiar sempre as suas ações porque, dessa forma, alcançarão a salvação.*

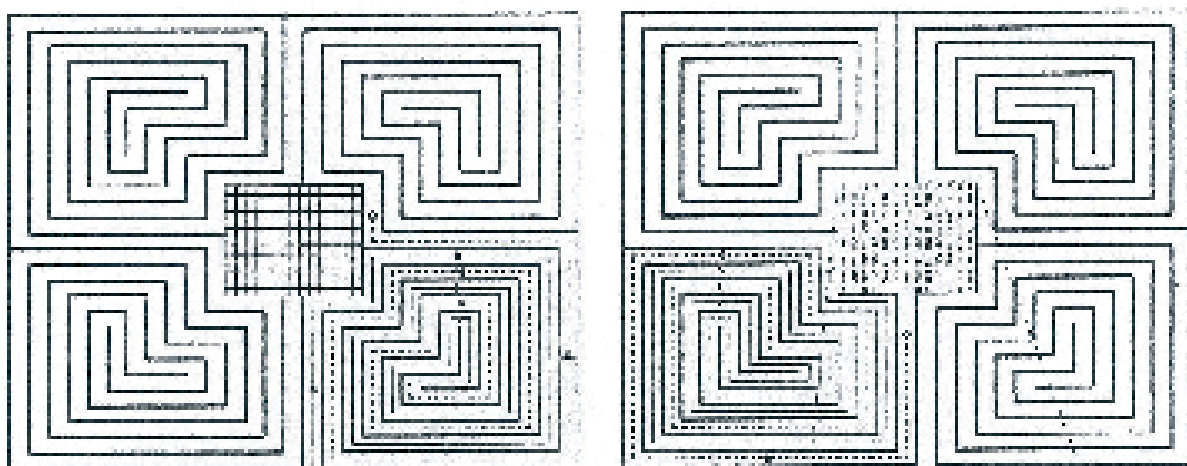


Figura 2. Labirinto da Basílica de São Reparato, El Asnam (atual Chlef), Argélia. Repare-se que, neste labirinto, as faixas que conduzem ao interior de cada quadrante (percurso assinalado a traço contínuo) são intrecaladas com as faixas que conduzem ao exterior (percurso assinalado a traço interrompido).



Figura 3. Labirinto da Basílica de São Reparato. No centro do labirinto, encontra-se a mensagem da salvação (na perspectiva do catolicismo): **SANCTA ECLESIA** - mensagem que pode ser lida incontáveis vezes, de forma labiríntica.

A partir do século VI, sobretudo nas igrejas italianas, surgem labirintos de dimensões maiores, cuidadosamente integrados no espaço. O labirinto da basílica de São Vital, Ravena (Itália), foi o primeiro a ser construído em catedrais europeias. Contudo, foi nas grandes catedrais góticas francesas que o labirinto alcançou o seu

apogeu. Embora fossem numerosas as catedrais medievais que dispunham de um labirinto construído no pavimento da nave central, foram muito poucos os labirintos que chegaram até aos nossos dias. Em França, as catedrais de Sens, Arrás, Amiens, Reims e Auxerre foram dotadas de labirintos esplêndidos, equiparáveis ao de Chartres, em beleza e grandiosidade. No entanto, apenas este último sobreviveu incólume até aos dias de hoje⁹.

Apenas a partir do século XVII, as igrejas cristãs passaram a ser equipadas com assentos. Até então, o pavimento das igrejas encontrava-se completamente desimpedido, podendo-se circular livremente ao longo de toda a sua superfície. É evidente que, nestas condições, o desenho do labirinto teria maior impacto na superfície pavimentada e na própria composição espacial.

Usualmente, os labirintos inseridos em catedrais são localizados no primeiro terço da nave central, relativamente perto da entrada principal, de forma a serem usados como locais de preparação e purificação dos crentes para a celebração dos rituais cristãos, que têm lugar no altar – situado no último terço da nave central.

Do final do século XVII ao início do século XIX, foi-se diluindo o significado profundo do labirinto. A igreja começou por substituir a imagem do Minotauro que aparecia, por vezes, no centro do labirinto, pela imagem de Cristo e, mais tarde, empreendeu o desmantelamento massivo dos labirintos que passaram a ser vistos como uma concessão inaceitável aos ritos pagãos. Foram então demolidos a quase totalidade dos labirintos inseridos nas catedrais francesas, porque, alegadamente, as pessoas que os percorriam perturbavam as práticas litúrgicas.

Com cerca de 13m de diâmetro, o labirinto de Chartres ocupa o espaço intercolúnio do terceiro e quatro tramos da nave central, é um dos maiores inseridos numa catedral, sendo a sua circunferência exterior quase tangente às bases das respetivas colunas.

O labirinto de Chartres é executado meticulosamente com pedras de duas cores de Berchères, encastradas no pavimento (Fig. 4). Trata-se de uma pedra calcária muito dura que recebe o polimento característico da mármore. A disposição das juntas é muito regular, permitindo a utilização de um número reduzido de peças-tipo (gabaritos). Ao longo do tempo, o labirinto foi objeto de reparações pontuais, apresentando um bom estado geral de conservação, mas, infelizmente, não se encontra completo. No centro, são visíveis cravos de aço de fixação de uma placa de cobre que não se encontra no local e na qual estava gravada uma cena do combate travado por Teseu e o Minotauro. Essa placa foi enviada para uma fundição, em 1792, conjuntamente com os sinos de bronze da catedral, para se moldarem canhões. (Villette, 1983: 6). (Na época – tal como hoje – os interesses da guerra sobrepunham-se a todos os outros.)

⁹ O labirinto da catedral de Amiens foi construído em 1288, desmantelado em 1825 e reconstruído em 1894. Ou seja, o labirinto perdurou mais de cinco séculos, foi desmantelado e, ao fim de 69 anos apenas, foi construído de novo, de acordo com o modelo original. (Afigura-se-nos difícil de aceitar esta flagrante falta de clareza no planeamento de obras.)

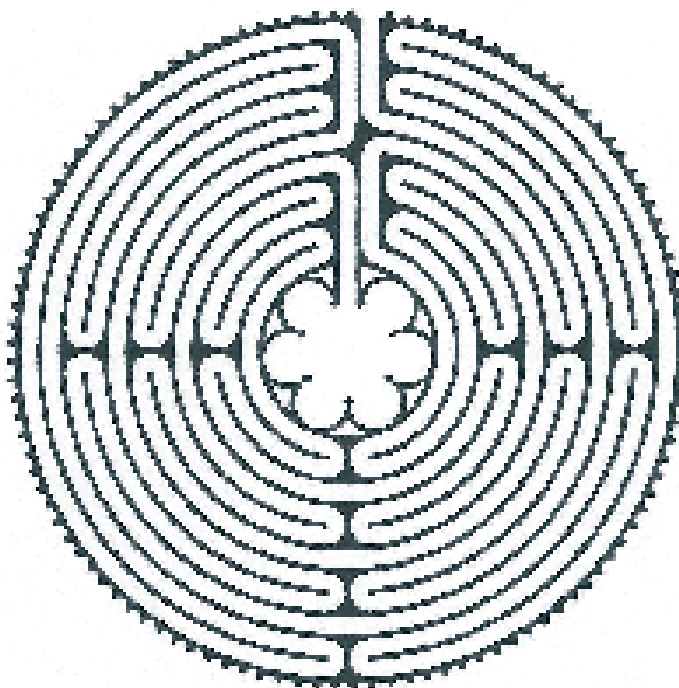


Figura 4. o labirinto da catedral de Chartres é construído com pedra calcária de duas cores - uma clara para as pistas e uma escura para a respetiva delimitação. É composto por onze faixas com 34cm de largura e conta com 34 inflexões.

O labirinto de Chartres era conhecido por vários nomes: o *dédalo*, a *légua* ou o *caminho de Jerusalém*. No primeiro caso, a alusão ao famoso labirinto de Cnossos é óbvia – Dédalo o arquiteto lendário que o construiu, ao serviço do rei Minos. Quanto à designação *légua*¹⁰, se a associarmos à distância de 5Km, é claramente exagerada em relação à extensão do percurso (261,5m). No entanto, o labirinto era tradicionalmente percorrido de joelhos, tarefa que exigia cerca de uma hora – tal como o percurso de uma légua, se for feito a pé. A expressão *caminho de Jerusalém* foi interpretada, durante muito tempo, como a designação de um percurso alternativo à peregrinação à Terra Santa, mas também poderia significar a Terra prometida – a Jerusalém celeste – que se encontra no fim do percurso, no fim da vida...

O labirinto de Chartres é composto por onze corredores concêntricos de 34cm de largura, executados em pedra clara, com curvas de 180°, delimitados por faixas de pedra escura, com 8cm de largura. A extensão total do percurso é de 261,5m. O contorno circunferencial do labirinto é reforçado por um ornamento semelhante a uma renda feita em pedra escura, que delimita categoricamente a fronteira entre o labirinto e o espaço circundante.

Se seguirmos o percurso do labirinto, verificaremos que os anéis interiores situados à esquerda são os percorridos em primeiro lugar, depois os anéis interiores situados à direita, em seguida, os anéis exteriores situados à esquerda e, finalmente, os anéis exteriores situados à direita (Fig. 5).

¹⁰ *Légua* é a denominação de diferentes unidades de medida – de comprimentos que variam entre 2 e 7Km – e que vigoraram durante o período de transição das antigas unidades de medida para o sistema métrico. (Em Portugal, a légua métrica equivalia a 5000 metros).

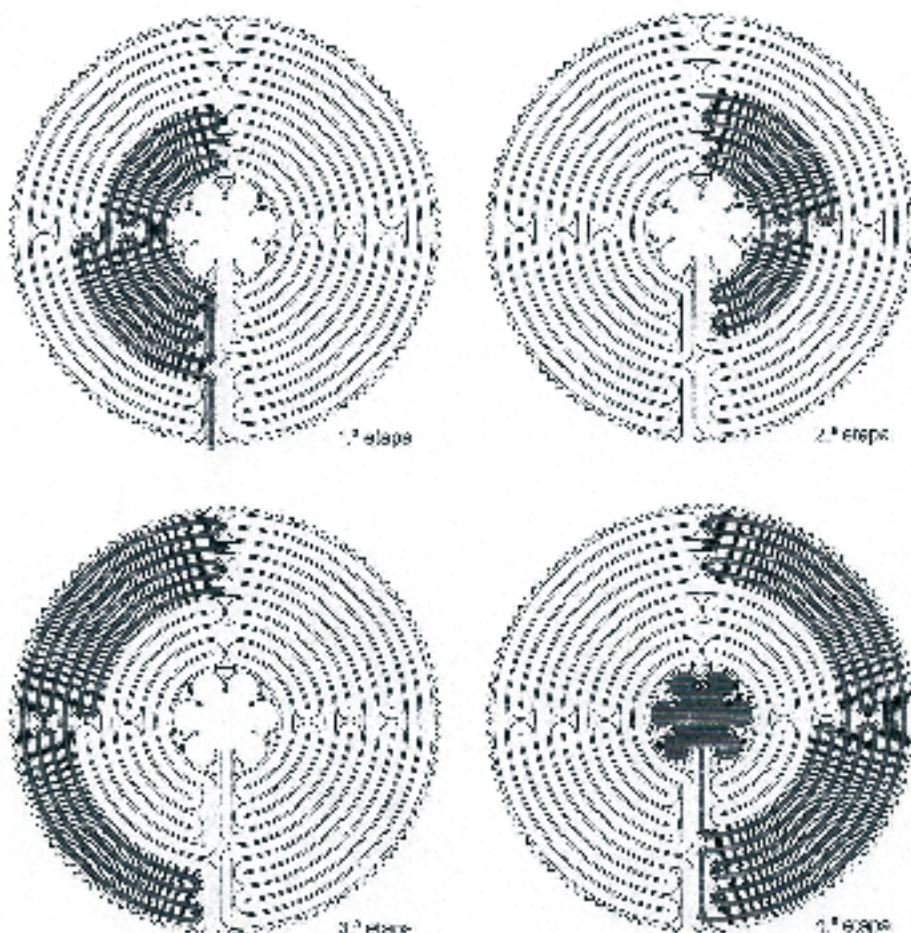


Figura 5. Inicialmente, são percorridas as faixas interiores e, em seguida, são percorridas as exteriores, até se chegar ao centro com seis lóbulos, cuja a função provável seria permitir a concentração de várias pessoas.

É natural que a imagem dos fiéis a percorrer o labirinto de joelhos, para se auto penitenciarem, nos faça estremecer, a nós que nos vemos como homens e mulheres livres do século XXI. Mas não devemos deixar que esse aspeto particular negativo contamine a simbologia do labirinto. Em nosso entender, essa prática refletia apenas a superstição da Idade Média de que “o pecado pode ser anulado através da penitência” e não corresponde a uma utilização canónica do labirinto. Os onze anéis concêntricos simbolizam o conjunto das vicissitudes, dos obstáculos, das voltas e desvios imprevistos que a vida impõe ao ser humano. Ao longo do trajeto, é normal que o caminhante se sinta assaltado pelo desânimo e tentado a desistir, mas ele sabe que se perseverar, se não renunciar ao caminho, chegará ao centro e encontrará a almejada paz.

Chartres é uma das catedrais góticas mais impressionantes do mundo, devido às suas dimensões colossais, superfície de vitrais e número de estátuas. O seu labirinto é o maior e o melhor conservado da França medieval – o que faz dele, provavelmente, o mais famoso dos labirintos existentes. É, por isso, compreensível que o seu traçado tenha sido transposto para outros labirintos, por vezes, com ligeiras adaptações ou variantes¹¹.

¹¹ No museu do Louvre, existe uma pintura italiana do século XV que narra o combate entre Teseu e o Minotauro,

O labirinto da catedral de Amiens, embora seja de matriz octogonal, pode ser considerado uma variante do labirinto de Chartres, uma vez que segue o seu modelo e tem a mesma lógica geométrica¹². A versão atual foi construída no século XIX e constitui uma réplica fiel do labirinto original (Fig. 6).

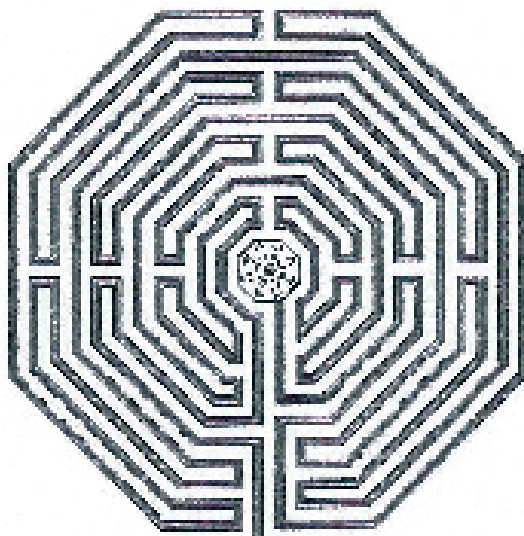


Figura 6. Embora de matriz octogonal, o labirinto da catedral de Amiens corresponde a uma reinterpretação do labirinto circular de Chartres.

O labirinto da catedral de Amiens tem cerca de 240m de extensão e 12,2 m de largura e ocupa o espaço intercolúnio do quarto e quinto tramos da nave central (Fig. 7). A sua entrada localiza-se a poente e o labirinto é construído com pedras brancas e azuis escuras – as pedras escuras definem o percurso e as pedras brancas delimitam-no.

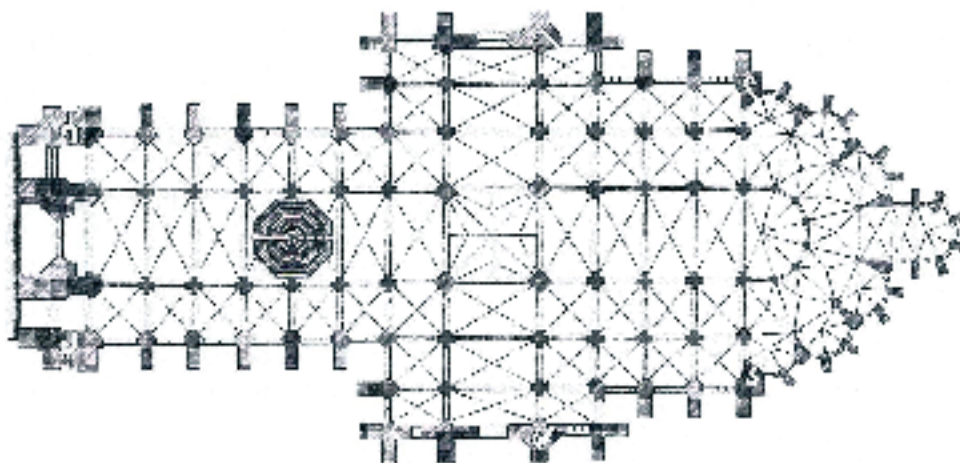


Figura 7. A planta da catedral de Amiens e a localização do respectivo labirinto. Devido ao seu valor ornamental – para além do simbólico – o labirinto era o local tradicionalmente escolhido para gravar os nomes dos mestres de obras (e autores do projecto) da catedral.

onde surge um labirinto que é uma réplica tridimensional – porque tem volume – do labirinto de Chartres. Nos cadernos de desenho do mestre de obras francês Villard de Honnecourt (século XIII), também aparece o traçado de um labirinto circular semelhante ao da catedral de Chartres.

¹² A catedral de Amiens começou a ser construída em 1220, tendo sido concluída em 1288. A catedral de Chartres começou a ser construída em 1145 e foi consagrada em 1260, depois de sofrer obras de reconstrução, na sequência de um incêndio que ocorreu em 1194.

O labirinto original foi desenhado pelo arquiteto Renaud de Cormont, que assinou o seu trabalho. Com efeito, o centro do labirinto corresponde a um medalhão com uma inscrição que inclui a data do início de construção da catedral (1220), o nome do bispo da diocese, o nome do rei de França, os nomes dos arquitetos – ou mestres de obras, se preferirmos – e a data da própria inscrição (1288) que corresponderá, supostamente, à data da conclusão da catedral e da construção do labirinto.

O labirinto de Reims, que estava situado no espaço intercolúnio do terceiro e quarto tramos da nave central da catedral, foi desmantelado em 1779, porque as crianças, alegadamente, ao percorrê-lo, perturbavam as cerimónias religiosas. As imagens do labirinto que chegaram até nós são reproduções e cópias do original. Trata-se de um labirinto que se desviava dos cânones estabelecidos – com uma configuração e um traçado originais – mas detentor de uma geometria magnífica (Fig. 8). A matriz do labirinto é octogonal, mas com excrescências nos quatro cantos, o que o aproxima do contorno quadrangular. A característica mais peculiar do labirinto é o facto de ter quatro bolsas e um centro, em vez de um único centro. Em nosso entender, neste caso, a simbologia do labirinto encontra-se diluída pelos cinco locais de paragem, mas, em contrapartida, o percurso ganha um dinamismo extraordinário. Em primeiro lugar, percorrem-se as três faixas exteriores, como fase preparatória. A partir da quarta faixa, acede-se às quatro bolsas que se encontram nos cantos e, a partir daí, os meandros do labirinto encaminham-nos em direção ao centro (Fig. 9). Notemos que existe uma afinidade deste labirinto com o de Chartres, designadamente na localização das inflexões de 180°, mas estamos perante um labirinto mais complexo, com uma qualidade estética notável – facto que deve de ter sido determinante na escolha do seu desenho para logotipo dos Monumentos Históricos (*Monument Historique*) franceses.

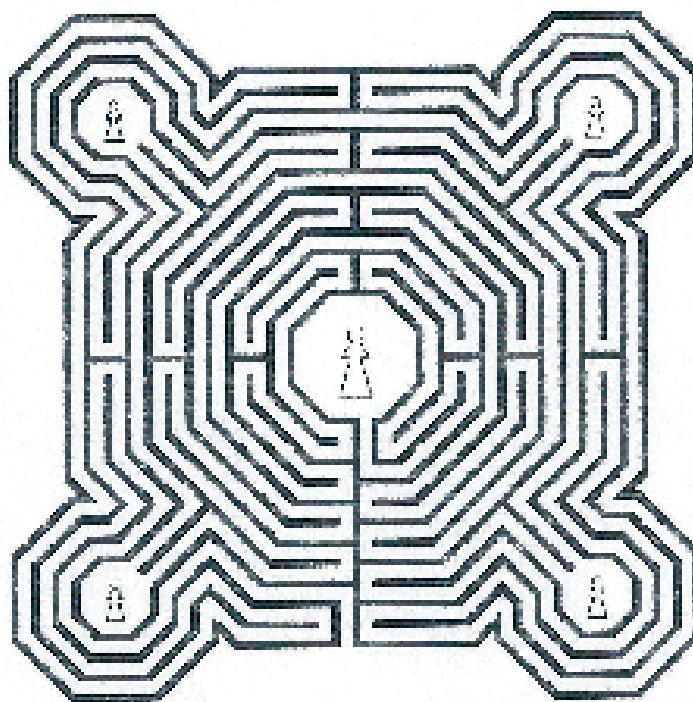


Figura 8. O antigo labirinto da catedral de Reims era de matriz octogonal e tinha uma qualidade estética notável - facto que certamente terá pesado na escolha do seu desenho para o logotipo dos Monumentos Históricos franceses.

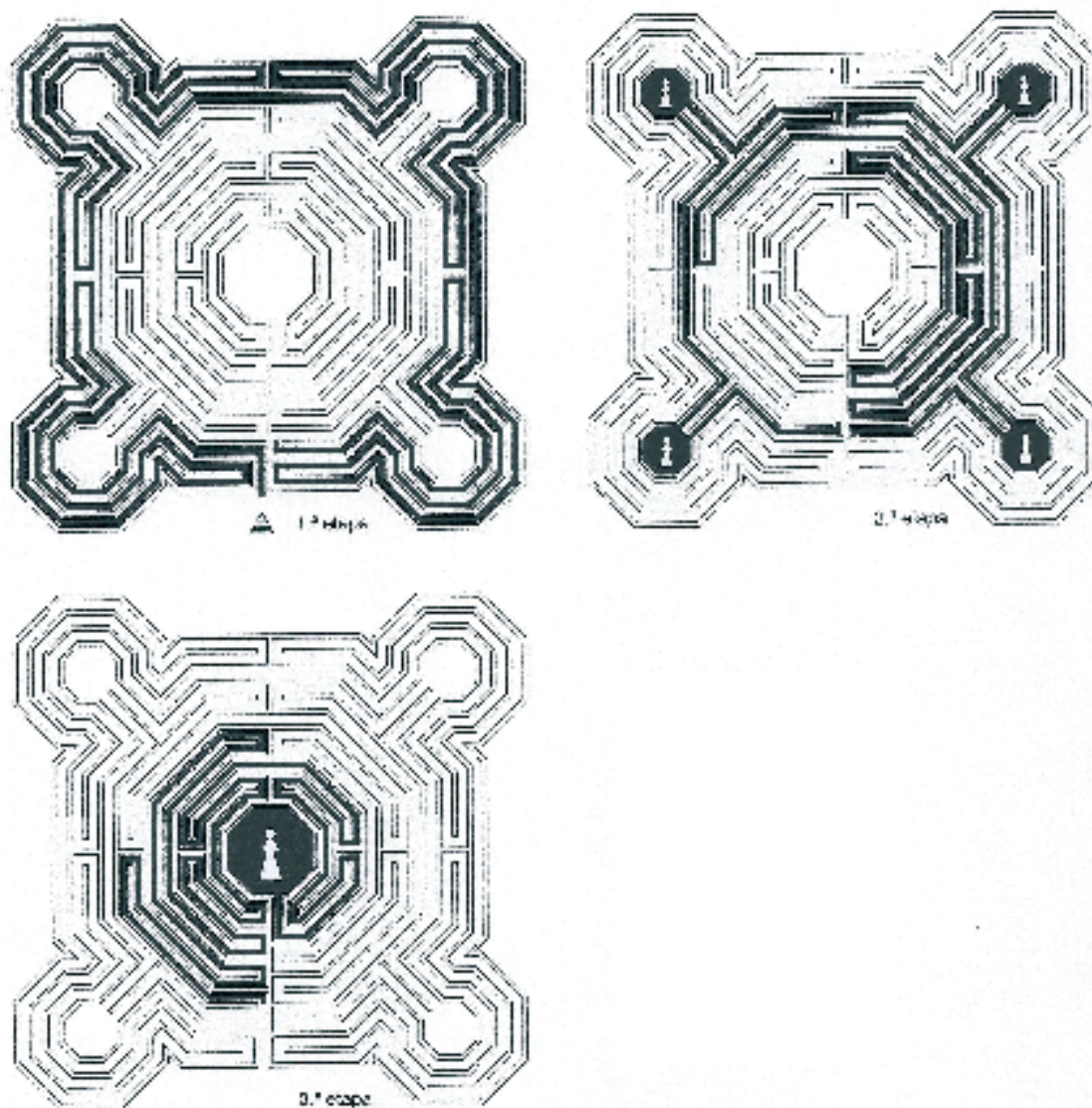


Figura 9. Inicialmente, são percorridas as três faixas exteriores, em seguida, acede-se às bolsas onde se encontram as figuras e os nomes dos mestres de obras da catedral e, finalmente, acede-se ao centro do labirinto, onde existia uma imagem de grande formato que não chegou a ser decifrada.

Nos quatro cantos do labirinto, encontram-se inscrições com os nomes dos mestres de obras da catedral – com a indicação do período de tempo em que assumiram essas funções e da(s) parte(s) do edifício onde trabalharam – e outra imagem no centro, que acabou por nunca ter sido decifrada.

Tanto o labirinto de Amiens como o da catedral de Reims são de matriz octogonal, rompendo com a forma circular que é a mais usual. No entanto, têm ambos uma qualidade estética inegável e são os locais escolhidos para colocação da inscrição do nome dos mestres de obras – autores dos projetos – das respetivas catedrais.

Recentemente, formou-se um movimento com o objetivo de reconstruir o labirinto da catedral de Reims – o que, em nossa opinião, se justificaria plenamente. Mas esse projeto esbarrou num muro de dificuldades técnicas e administrativas, já que se considerou que a solução deveria ser totalmente reversível e respeitadora do espaço

da igreja. A opção encontrada foi a de instalar um sistema de projeção luminosa sobre o pavimento que simula o antigo labirinto. Este labirinto virtual foi inaugurado em setembro de 2009 e é ativado nas noites em que ocorrem eventos culturais.

3. O MODELO CLÁSSICO DE LABIRINTO

Como já afirmámos e nos parece evidente, a espiral é a figura geométrica que está na base do traçado do labirinto. A espiral, como já tivemos oportunidade de explicar, é um símbolo universal que sugere uma rotação incessante sobre si mesma e que, por isso, engloba os princípios da expansão e da contração – consoante o sentido da rotação. A espiral logarítmica, descoberta em 1638 pelo matemático francês René Descartes, é uma figura arquetipa que regula o padrão de crescimento de numerosas plantas e flores e está patente nos fetos animais (incluindo o humano). A cóclea do ouvido humano e os braços das galáxias mais comuns têm a forma aproximada de espirais logarítmicas.

O labirinto clássico é um tipo de labirinto que se encontra disseminado pela Europa, África, América e Ásia. Este labirinto deve a sua difusão à grande adaptabilidade e facilidade de traçado, que são os seus principais atributos. Trata-se de um labirinto em que as linhas de separação das faixas são concêntricas, com cinco centros geométricos, e que pode ter um número de faixas variável, desde três até um número virtualmente infinito. O facto do labirinto clássico ser expansivo – ou retráctil – faz dele uma réplica fiel da espiral e o modelo mais indicado para se adaptar às dimensões de um determinado lugar, exterior ou interior. Este labirinto tem uma espécie de embrião, a partir do qual o labirinto é gerado (Fig. 10). Se o embrião for constituído por dois segmentos em cruz e quatro pontos, o labirinto gerado terá três faixas. Se o embrião for constituído por dois segmentos em cruz, quatro cantos em “L” e quatro pontos, o labirinto gerado terá sete faixas. Se o embrião for constituído por dois segmentos em cruz, oito cantos em “L” e quatro pontos, o labirinto gerado terá 11 faixas. Se o embrião for constituído por dois segmentos em cruz, 12 cantos em “L” e quatro pontos, o labirinto gerado terá 15 faixas e assim sucessivamente. Os labirintos gerados terão sempre um número ímpar de faixas que é obtido pela adição de múltiplos de 4 ao número 3 – que é o número menor possível de faixas. O labirinto clássico poderá ter, então, 3, 7, 11, 15, 19, 23, 27, 31, ..., faixas e é traçado a partir de cinco pontos fixos, que são os centros geométricos das linhas separadoras das faixas. O número predominante de faixas do labirinto clássico é sete.

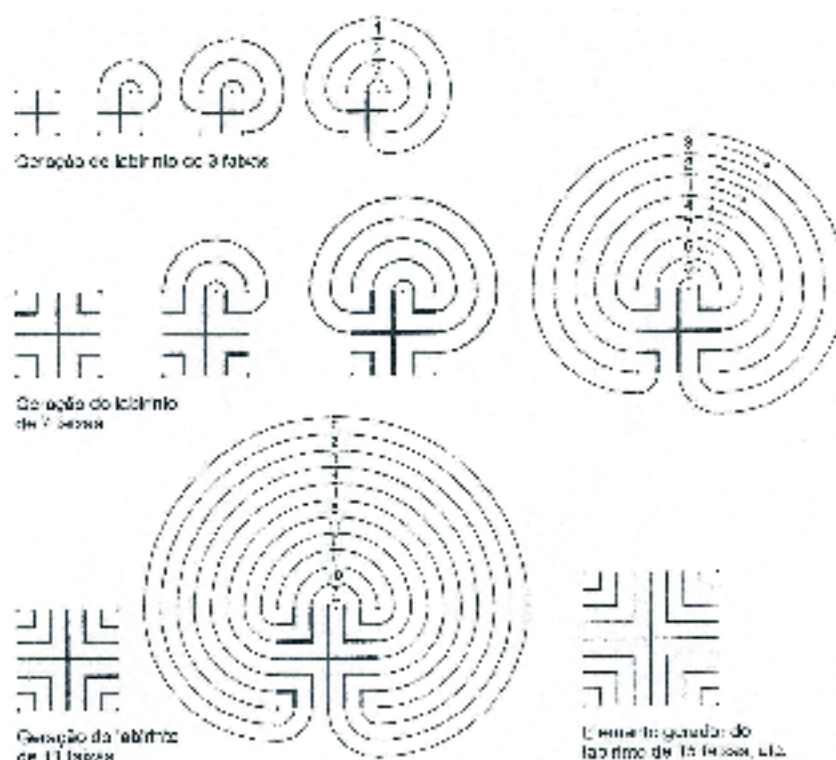


Figura 10. O labirinto clássico é gerado a partir de uma espécie de embrião e é traçado a partir de cinco centros geométricos. Este labirinto pode ter um número variado de faixas, a partir de três, pela adição sucessiva de números múltiplos de quatro.

No labirinto clássico, as faixas ímpares são percorridas num sentido, enquanto que as faixas pares são percorridas no outro. Os sentidos do percurso e o número de ordem das faixas invertem-se quando se caminha em direção ao centro ou em direção à saída. A primeira curva, junto à entrada, pode ser para a esquerda ou para a direita – dando origem a labirintos simétricos.

À imagem do que sucede com o labirinto octogonal de Amiens, que constitui uma adaptação do labirinto circular de Chartres, o labirinto clássico circular¹³ também é adaptável a formas poligonais (Fig. 11).

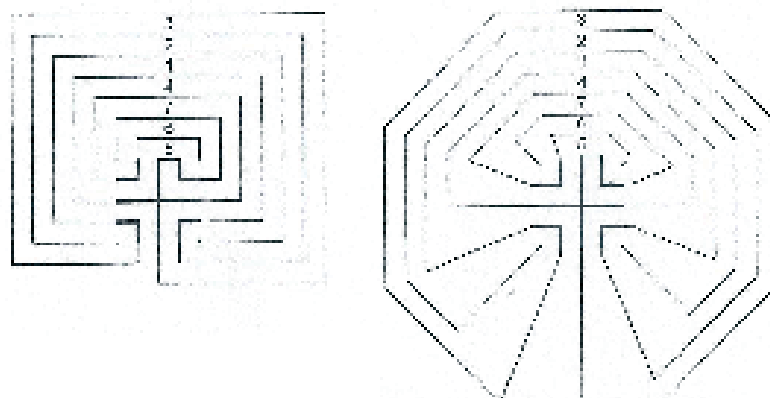


Figura 11. O labirinto clássico é adaptável a contornos poligonais, embora, eventualmente, com prejuízo da imagem da racionalidade e da facilidade de traçado *in loco*.

¹³ Note-se que, em rigor, o contorno do labirinto não é uma circunferência.

4. NOVOS USOS DO LABIRINTO

Há quem defenda que os labirintos construídos antes do Cristianismo eram (dédalos) multicursais destinados ‘à perdição’ de quem os percorria e que, com o Cristianismo, terão surgido os labirintos unicursais, onde o homem aprende a superar os obstáculos da vida, até alcançar a luz – simbolizada pelo centro. Provavelmente, esta será a perspetiva de um cristão que encara a sua religião como a única via (ou pelo menos como a via privilegiada) de salvação do ser humano. Para um crente, o centro do labirinto simboliza a emergência de luz na nossa consciência e, metaforicamente, todos nós deveríamos alcançar *o centro do labirinto das nossas vidas*, senão em vida, pelo menos no seu derradeiro momento – a nossa morte. Com a *cristianização* do labirinto, o seu centro passou a representar a entrada na Jerusalém celeste, tendo-se a Igreja assumido como a entidade detentora da chave da cidade – essa chave é o fio de Ariadne desenrolado e plasmado no próprio traçado do labirinto.

Claro que outras interpretações simbólicas do labirinto são válidas. Se formos pragmáticos, poderemos encarar o labirinto como o símbolo da tortuosidade da vida e o centro como o seu fim (ou como o fim de um ciclo).

Na Idade Média, os crentes percorriam os labirintos de joelhos como ação redentora da morte infringida a Cristo, pelo Homem. Nesse contexto, as pavimentações policromáticas dos labirintos simbolizavam o monte do Calvário que, por solidariedade com o sofrimento de Cristo, deveria ser percorrido com arrependimento e dor. Desta forma, o ato de percorrer o labirinto transformava-se, imagetivamente, numa peregrinação à Terra Santa, sendo o centro do labirinto – o local da morte de Cristo – designado de ‘Paraíso’ ou ‘Jerusalém’.

A versatilidade dos labirintos é verdadeiramente notável. Atualmente, são construídos labirintos em igrejas, conventos e locais de retiro, com fins espirituais; em centros médicos e asilos, com fins de relaxamento, convalescença e recuperação física; em escolas e empresas, com o fim de relaxamento e melhoria da capacidade de concentração; e em propriedades particulares, com o fim que o dono que lhe quiser dar, incluindo o da simples diversão que é igualmente válido.

Enquanto arquitetos, para além da multifuncionalidade, temos o dever de realçar também o valor estético dos labirintos. Parece-nos inquestionável que o labirinto, por um lado, pode funcionar como um elemento de valorização e dinamização do espaço e, por outro lado, pode ter um inestimável valor estético. Alguns labirintos em sebe são de uma beleza de cortar a respiração. É o caso do labirinto do palácio de Villa Pisani, Stra (Itália) ou dos dédalos de Glendurgan Garden (Reino Unido), ou de Reignac-sur-Indre, Touraine (França).

Não temos conhecimento da utilização do labirinto como instrumento de reabilitação de presidiários. Em nosso entender, as prisões deveriam ser sobretudo locais de reabilitação e de aprendizagem para a reinserção social – e não tanto locais de punição por vingança ou retaliação da sociedade. Dentro desta conceção, a reabilitação do presidiário – avaliada por uma equipa de especialistas, evidentemente – deveria ser a condição necessária para o mesmo sair da prisão e o labirinto poderia desempenhar

um papel muito importante. Defendemos que a educação e o trabalho deveriam ser a base da reabilitação dos presidiários, mas o desporto e a prática do labirinto, devido à sua simbologia, poderiam dar um contributo importante na prossecução desse objetivo. Em nosso entender, todos os estabelecimentos presidiários deveriam ser equipados com um labirinto.

O labirinto poderia embelezar e animar as praças de algumas cidades e vilas portuguesas, tal como sucede em algumas cidades estrangeiras. O relógio de sol – o símbolo do tempo cósmico – e o labirinto – o símbolo da encruzilhada da vida e da transcendência da condição humana – poderiam ser conjugados num único equipamento urbano.

O labirinto também pode funcionar como instrumento de diversão – inclusivamente como *pista de dança*, em que o percurso é feito a pares, de mãos dadas, que passaremos a explicar (Lonegren, 2007: 137-8): O número de participantes é variável, desde que seja par. Os participantes começam por se perfilar à entrada do labirinto em duas filas. Os participantes deverão dispôr-se ordenadamente, uma vez que cada indivíduo da fila A formará par com um indivíduo da fila B (Fig. 12). Um a um, os indivíduos da fila A vão penetrando no labirinto e percorrendo-o, em direção ao centro. Ao iniciarem a faixa quatro, no regresso para o exterior, os indivíduos da fila A passam a ser acompanhados pelos participantes da fila B que começam a percorrer a faixa um, em direção ao centro. Em seguida, quando os indivíduos da fila A percorrerem o corredor cinco, em direção ao exterior, os respetivos pares percorrerão a pista dois, em direção ao centro. Depois, os elementos da fila A passarão para a faixa seis, em direção à saída, enquanto que os seus pares passam para a pista três, em direção ao centro. Em seguida, os indivíduos da fila A passarão a percorrer a faixa sete, aproximando-se da saída, enquanto que os seus pares passarão a percorrer a pista quatro, em direção ao centro. A partir daí, os indivíduos da fila B farão o percurso sózinhos, enquanto que os indivíduos da fila A esperarão no exterior a sua reentrada no labirinto, que ocorrerá quando os seus pares percorrerem a faixa quatro, em direção ao exterior. Esta espécie de dança poderá prolongar-se o tempo que os participantes quiserem.

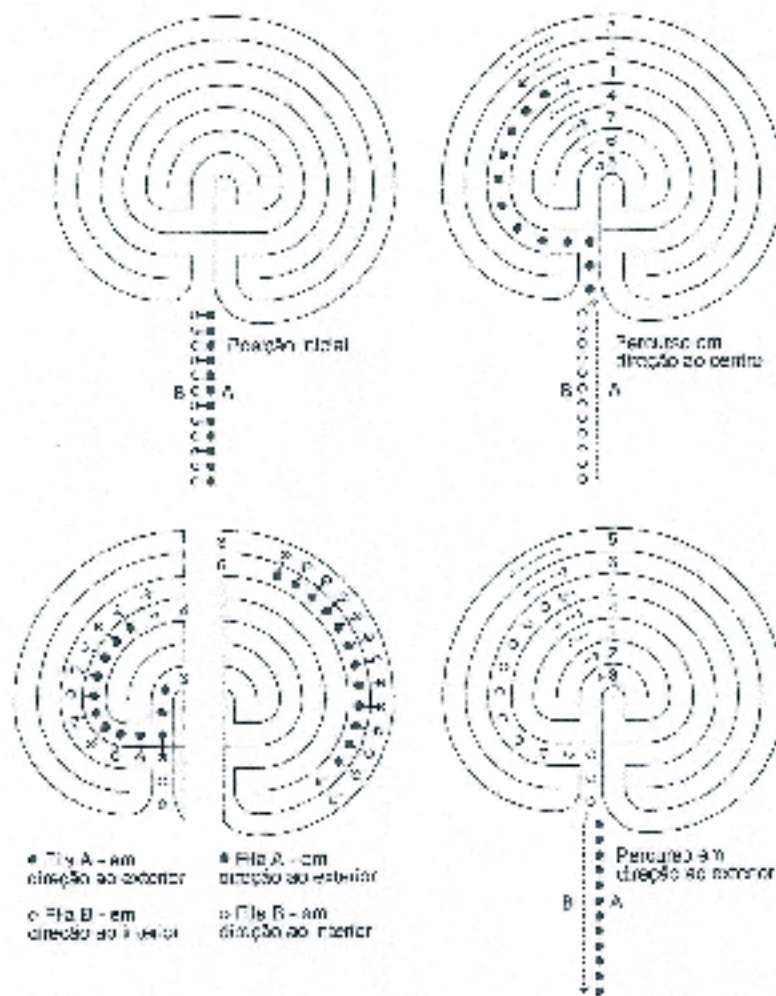


Figura 12. No início, os participantes perfilam-se em duas filas, formando pares, à entrada do labirinto. Os indivíduos da fila A penetram, um a um, no labirinto.

Quando os indivíduos da fila A começam a percorrer a faixa 4, em direcção ao exterior, passam a ser acompanhados pelos respectivos pares da fila B, que percorrerão a faixa 1, em direcção ao interior.

As faixas 4, 5, 6 e 7, para os indivíduos que saem, e as faixas 1, 2, 3 e 4, para os indivíduos que entram, são contíguas e têm o mesmo sentido, podendo ser percorridas pelos respectivos pares, de mãos dadas. No fim de cada ciclo, os indivíduos da fila A aguardam ordenadamente que os indivíduos da fila B abandonem o labirinto. Este processo pode ser repetido indefinidamente, dando origem a uma espécie de dança.

Num labirinto de sete pistas, um ciclo implica o calcorrear de sete faixas, em direcção ao centro, e de sete faixas, em direcção à saída. Quando se utiliza o labirinto como pista de dança, as quatro faixas exteriores, que são as mais longas, são percorridas de mãos dadas – quer no trajeto em direcção ao exterior, quer no trajeto em direcção ao centro.

Não temos conhecimento da utilização do labirinto em funerais, o que faria todo o sentido, uma vez que o labirinto pode simbolizar a vida e a morte. Em nosso entender, todos os cemitérios deveriam ser equipados com um labirinto, através do qual se poderia conferir um simbolismo especial às cerimónias fúnebres¹⁴.

¹⁴ Fechamos os olhos, reclinamo-nos e visualizamos o cortejo a avançar pausada e pesarosamente, ao longo do

Dada a polivalência do labirinto, certamente seria possível pôr em prática cerimónias ligeiramente diversas, que seriam sugeridas por outros trechos musicais compatíveis com exéquias – como excertos do Requiem de Mozart (KV 626) ou do Requiem de Gabriel Fauré (Op. 48).

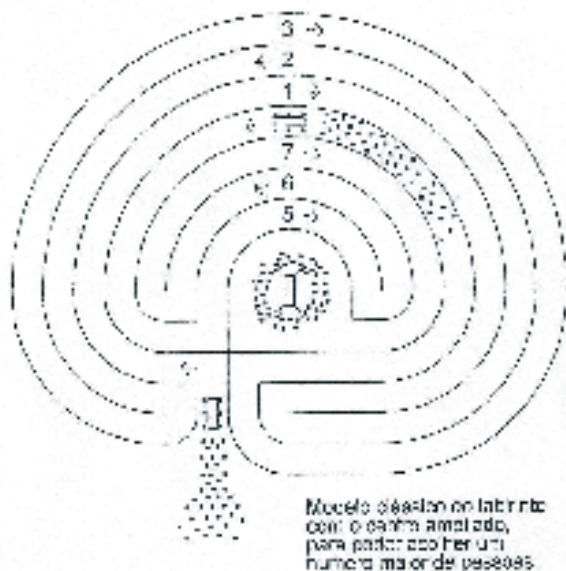


Figura 13. Três momentos fundamentais da cerimónia - a entrada no labirinto, o cortejo fúnebre e a permanência no centro, onde tem lugar a elevação da urna.

CONCLUSÃO

O labirinto é um artefacto disseminado pelo Mundo e que é utilizado pelo Homem desde a Pré-História. Devido ao seu simbolismo múltiplo, aos novos meios de comunicação disponíveis e aos materiais e técnicas construtivas emergentes, o labirinto está a passar por um período de expansão crescente, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos da América.

trajeto sinuoso. Momentos antes, ao penetrar no labirinto, a música deveria ter emergido; no princípio, indefinida, indistinta e longínqua, como que proveniente do céu. Um fluxo sonoro ténue e indefinido que, aos poucos, vai ganhando força e contornos definidos. Uma música celestial, como a segunda sinfonia de Mahler: 'Ressurreição'; 4.º movimento. Gradualmente, a música desce de plano e impregna a Terra. A entrada dos instrumentos de sopro do início do 5.º movimento deve de marcar a viragem da fonte sonora, que passa a ser a Terra. Aos poucos, a música passa a ser cem por cento telúrica. O cortejo avança arrastadamente, em direção ao centro. A Terra vibra em sintonia com a música, em homenagem ao Homem/compositor. (A música é tão incontidamente sublime que não é o génio do seu compositor que é celebrado – são todos os homens, é o género humano.) Tudo é som e vibração. A música eleva todos os participantes do cortejo. Vibram em uníssono, formando um único espírito, embora com vários corpos (Fig. 13). *Langsam; Misterioso*. Aos primeiros acordes, o cortejo chega ao centro do labirinto e pára. A urna é depositada no centro, em apoio num palanque, de onde saem quatro cordas que estão ligadas a roldanas colocadas na extremidade de quatro pilares. O tempo da cerimónia é o tempo da música. Os participantes do cortejo celebram a vida e a morte, através da música. À medida que a música se aproxima da apoteose final – a ressurreição – a urna é puxada pelas cordas e eleva-se ao céu. O defunto experimentou todas as vicissitudes e amarguras da vida, sofreu, morreu, e experimenta agora a ascensão ao céu e a sobrevida. No centro do labirinto, as sinuosidades do percurso ficam definitivamente para trás; e, no fim do ciclo da vida, a alma liberta-se das amarras do corpo e ascende ao Céu...

Em seguida, a urna é descida e o labirinto deve de ser percorrido em recolhimento e silêncio, em direção ao exterior, onde se procederá à inumação ou à cremação do cadáver.

Parece-nos importante que a redescoberta do labirinto a que estamos a assistir seja acompanhada por novas funções e formas de utilização, sem prejuízo do seu simbolismo genuíno – de outra forma, corre-se o risco de alimentarmos um mero fenómeno de popularidade. Defendemos que a evolução que o labirinto está a experimentar deve resultar principalmente da sua utilização em novos contextos e não tanto da invenção de novos traçados, que são apenas o seu lado visível e mais superficial.

BIBLIOGRAFIA

Labyrinth Company (<https://www.labyrinthcompany.com/>).

LONEGREN, Sig. 2007. *Labyrinths – ancient myths and modern uses*. 4.^a ed. Glastonbury: Gothic Image Publications.

McLUHAN, T. C. 1995. *The way of the earth: encounters with nature in ancient and contemporary thought*. 1.^a ed. New York: Touchstone.

VILLETTE, Jean et al. [1983?]. *Notre-Dame de Chartres – L'enigme du Labyrinthe*. [s.n.]. [s.l.]. Imp. Chauveau.

LUÍS FILIPE MARQUES PINTO

Arquiteto, Professor Auxiliar de Geometria, Materiais e Sustentabilidade, na Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada - Norte.

lfgmpinto@gmail.com